

O LEVANTAMENTO PAREATAL DA FACHADA DA IGREJA DE SÃO LOURENÇO NA MOURARIA

Catarina Filipe, Maria Caixeiro, Maria Leonor Correia, Ricardo Coelho
NOVA FCSH – Arqueologia 24/25
Unidade Curricular: Arqueologia da Arquitetura



INTRODUÇÃO

A Arqueologia da Arquitetura é uma disciplina que investiga a história dos edifícios através da análise das suas fases construtivas, conjugando métodos arqueológicos com outras abordagens (Santos, 2012).

Este estudo aplica essa metodologia à fachada principal da Igreja de São Lourenço, na antiga Mouraria de Lisboa, com o objetivo de reconstruir a sua evolução e compreender o seu papel na transformação da paisagem urbana (Parenti, 2002). A partir da observação direta do edifício como documento histórico, foi possível identificar materiais, técnicas e intervenções que refletem processos sociais, culturais e simbólicos ao longo do tempo. Os principais objetivos incluem o levantamento e análise das estruturas visíveis e a construção de uma narrativa histórico-espacial.

A IGREJA DE S. LOURENÇO, MOURARIA

A Igreja de São Lourenço, situada na Mouraria de Lisboa, é um espaço onde o tempo deixou marcas profundas — materiais, simbólicas e urbanas. A sua origem remonta, possivelmente, a uma ocupação islâmica do local, mais tarde cristianizado após a Reconquista (Rofregues, 2018). Vestígios de uma antiga necrópole medieval foram identificados junto ao edifício, sugerindo práticas funerárias associadas à antiga colegiada (Pereira, 2018; Silva, 2012).

O edifício atual resulta da reconstrução pós-terramoto de 1755, com uma fachada organizada em três panos e elementos em cantaria pombalina (Gonçalves & Segurado, 1984). Estelas pétreas reutilizadas, inscrições religiosas e molduras em pedra convivem com marcas mais recentes de abandono e intervenção informal, como o emparedamento de janelas e grafitis (Teixeira, Fragozo & Medeiros, 2020).

No século XXI, a igreja foi classificada como Património Municipal (Câmara Municipal de Lisboa, n.d.), e alvo de pinturas corretivas para ocultar vandalismo. Apesar de intervenções pontuais, mantém-se num estado de fragilidade urbana, onde a memória, a fé e o esquecimento coexistem em camadas sobrepostas — como num verdadeiro palimpsesto arquitetónico (Santos, 2012; Parenti, 2002).

Consulta a história completa aqui:



METODOLOGIA

A Arqueologia da Arquitetura é uma disciplina que transcende a mera análise de edifícios, tratando-os como palimpsestos vivos onde cada camada construtiva narra uma parte da história. Ao aplicar métodos arqueológicos à arquitetura, esta abordagem permite ler os processos históricos, sociais e culturais que moldaram o ambiente construído ao longo do tempo. Seguindo as fases de estudo propostas por Raquel Santos (2015), interpretando o edifício como um documento histórico, lido camada a camada, este estudo seguiu quatro fases principais:

FASE 1 - PESQUISA PRÉVIA

Antes do trabalho de campo, realizou-se uma investigação bibliográfica, documental e iconográfica — com recurso a arquivos, bibliotecas e fontes digitais — para enquadrar historicamente a igreja e antecipar possíveis desafios do terreno (Santos, 2013; Ginja, 2023).

FASE 2 – LEVANTAMENTO NO TERRENO

No local o edifício dividiu-se por zonas, das quais a nossa equipa ficou responsável por analisar esta fachada principal. A primeira abordagem envolveu uma aproximação pessoal com sítio, partindo da observação direta, para desenhos da perceção individual e ainda tirar medições com o nosso corpo servindo de escala humana - este método, para além de prático, promoveu uma relação direta e sensível com o edifício, permitindo uma perceção mais tangível das suas dimensões. Depois seguiu para um levantamento mais sistemático.

Levantamento gráfico, fotográfico e fotogramétrico: aqui foram utilizados dois métodos complementares. Por um lado, a Leonor (a Harris da Equipa) e a Catarina (a fotógrafa), realizaram um levantamento fotográfico e fotogramétrico desta fachada, resultando em registos de alta qualidade, detalhados e tridimensionais. Por outro, a Maria (a Desenhadora) e o Ricardo (o tira medidas) dedicaram-se à elaboração do desenho técnico, à escala 1:50, permitindo registar dimensões com rigor e facilitar a leitura estratigráfica.



Leitura sensorial: esta abordagem, inspirada nas reflexões de Ginja (2023), incidem da necessidade de “abrandar, aprofundar e compreender”, permitindo experimentar o edifício para além da sua materialidade visível. Assim, registaram sensações como a textura, bolqueios visuais, o som, etc. - “*Medir é importante, mas sentir é compreender*”. (inspirado em Ginja, 2023)

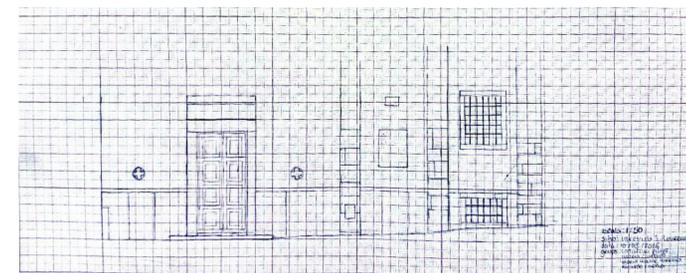
FASE 3 – ANÁLISE ESTRATIGRAFICA

Após o levantamento técnico, seguiu-se para a sua análise, neste caso, aplicando a leitura estratigráfica dos paramentos (Caballero Zoreda, 1995). Aqui, identificaram-se Unidades Estratigráficas Murárias (UEM), com base nos materiais, técnicas e relações físicas, resultando numa Matriz de Harris, que revelou não só fases construtivas, mas também alterações, abandonos e marcas simbólicas — uma história material e social impressa nas paredes. A fachada deixa, assim, de ser uma superfície única e passa a ser entendida como um documento histórico palimpsestico, onde se inscrevem múltiplos tempos e intenções construtivas.

FASE 4 – CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA

Por fim, faz-se a união dos dados recolhidos, de forma a reconstruir-se a história desta fachada. Assim, após a análise do edifício, seguiu um aprofundamento com revisão cartográfica, consulta a dicionários e pesquisa fotográfica e iconográfica, identificando as fases contemporâneas de transformação. E passou-se para a elaboração de uma narrativa histórico-arquitetónica, que reconstitui as transformações da fachada e o seu papel na paisagem urbana da Mouraria (Parenti, 2002).

REGISTO FINAL



ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA

A análise estratigráfica da fachada principal da Igreja de São Lourenço permite reconstruir uma cronologia das transformações sofridas pelo edifício desde o século XVIII até à atualidade. A partir da observação direta e da leitura de Unidades Estratigráficas Murárias (UEM), identifica-se uma sucessão de fases que contam uma história de reconstrução, abandono, revalorização patrimonial, degradação e resistência urbana.

FASE 1 – Pós-1755: Reconstrução Pós-Terramoto

A primeira fase identificável corresponde à reconstrução da fachada após o terramoto de 1755, num contexto de reconfiguração urbana profunda da cidade. A fachada, tal como a observamos hoje, é marcada por elementos em cantaria calcária e revestimento rebocado pintado [1000], organizados simetricamente em três panos verticais definidos por pilastras [1003]. A presença de molduras de portas [1007], janelas [1010] e guarnições horizontais na zona do chão [1004] indica um projeto coerente e regularizado, típico da arquitetura pombalina. Para além disso, os preenchimentos [1012] e [1013] indicam algo que existia e que atualmente não nos é acessível.

As estelas pétreas circulares [1005], com provável origem medieval e ligadas a um antigo cemitério no local, foram reutilizadas na fachada, num gesto que funde o passado sacro com a nova identidade urbana. A escadaria de acesso [1009] e a porta de madeira [1008], apesar da degradação, mantêm-se como vestígios materiais dessa fase construtiva. A estela retangular, com inscrições e símbolos religiosos [1011], é uma estela que remonta o séc. XVI (com uma inscrição com o ano de 1517), sendo possivelmente um reaproveitamento da construção anterior, derrubada pelo terramoto, reforçando o carácter identitário e devocional da fachada.

FASE 2 – Abandono (data incerta)

O emparedamento da janela inferior [1012] com tijolo comum denuncia um período de abandono funcional e simbólico do edifício. Esta ação pragmática, provavelmente motivada por questões de segurança ou encerramento, marcou o início de um processo de degradação da fachada e de perda de função ativa no tecido urbano.

Fase 3 – Reconhecimento Patrimonial (década de 2000?)

A instalação de uma nova estela identificando a igreja como “Património Municipal” [1013] representa uma viragem na perceção institucional do edifício. Este gesto simbólico integra o edifício num novo discurso de valorização patrimonial, embora não tenha sido imediatamente acompanhado por intervenções profundas de conservação.

Fase 3.5 – Vandalização com Graffiti (data imprecisa)

Seguiu-se uma fase de vandalização contínua, visível pela presença de grafitis sobre paredes e elementos arquitetónicos. A fachada, sobretudo nas zonas acessíveis, tornou-se um alvo constante, refletindo uma crescente perda de controlo sobre o espaço urbano e um afastamento comunitário do edifício enquanto lugar sagrado ou histórico.

Fase 4 – Primeiras Tentativas de Limpeza (2009)

A partir de 2009 surgem as primeiras intervenções visíveis de resposta à degradação. Aplicam-se camadas de tinta em tons de rosa esbranquiçado e escuro [1014] e [1015], respetivamente, diretamente sobre grafitis, sobretudo na zona da estela [1011]. Estas camadas não restauram o reboco original, mas funcionam como tentativas de remendo visual, ainda que mal integradas Cromaticamente.

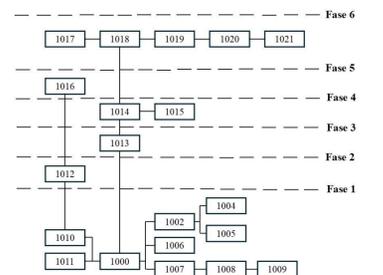
Fase 5 – Nova vaga de grafitis (2009–2018)

Durante esta fase, a fachada voltou a ser alvo de intervenções gráficas, com pinturas não autorizadas nas grades e alvenarias e na própria porta e paredes, sendo o único registo visível a pintura na tijoleira [1016]. A degradação contínua ilustra a fragilidade da manutenção e a tensão constante entre o valor patrimonial e a realidade do espaço urbano vivido.

Fase 6 – Intervenções de Limpeza e Repintura (2018–2020)

Mais recentemente, observam-se novas camadas de pintura de tons rosa-claro e escuro [1017], [1018], [1019] e [1020] cobrindo áreas vandalizadas de forma mais extensa e homogênea. Embora mais eficazes visualmente, estas intervenções não correspondem a um restauro histórico, mas antes a ações corretivas de carácter superficial. A pintura parcial da porta [1021] segue o mesmo princípio — ocultar, não restaurar.

Matriz de Harris



CONCLUSÃO

Esta sequência estratigráfica revela como a fachada da Igreja de São Lourenço é um documento vivo, onde se inscrevem não apenas técnicas construtivas, mas também processos sociais, políticas patrimoniais, dinâmicas de exclusão e resistência urbana. Longe de ser uma superfície estática, a fachada manifesta tensões entre o passado sagrado e o presente urbano, entre o valor simbólico e o abandono, entre a memória e a grafiteagem.

A Arqueologia da Arquitetura, não só materializou as diferentes fases de construção históricas escritas e desenhadas nos livros, como também permitiu reconhecer a Igreja como um edifício que existe no presente e relaciona-se com as pessoas, sendo uma materialidade multitemporal, que vive e sobrevive às diferentes fases históricas e ao presente.